

REVISTA MEMENTO**V.5, n.1, jan.-jun. 2014****Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR****ISSN 2317-6911**

**SER PESQUISADOR NAS CIÊNCIAS DO HUMANO EM DIÁLOGO COM BAKHTIN,
FREIRE E VYGOTSKI****Adriana Claudia Martins FIGHERA¹****Doris Pires Vargas BOLZAN²**

Resumo: Neste artigo temos como objetivo discutir o processo de escrita e de reconhecimento do outro na elaboração da pesquisa no âmbito das Ciências do Humano. Os momentos constitutivos da pesquisa fazem do pesquisador um sujeito em constante aprendizagem com o outro e, esse encontro com o outro é singular e único, quando sentidos e significados são produzidos. Esta discussão toma como base os estudos de Bakhtin (2010a, 2010b, 2001, 2008), Freire (1996, 2001, 2011) e Vygotski (1998, 2004, 2007). Com a escrita da pesquisa e este elaborar o pensamento, o pesquisador vai tomando consciência do outro e de sua importância. No ato de pesquisar, o pesquisador consciente compromete-se e busca compreender as singularidades do ser humano.

Palavras-chave: Ser pesquisador. Tomada de consciência. Ciências do Humano.

Um diálogo inicial

A escrita e a elaboração de uma pesquisa nas Ciências do Humano implica que nos coloquemos em um lugar outro, de reflexões presentes e de busca por entender o esse humano. Participamos, assim, de um processo intersubjetivo que nos permite perceber a nossa não existência como ser absoluto e/ou acabado, condição que nos permite tomarmos consciência de nós mesmos. Ao vislumbrar o entendimento acerca do lugar e tempo em que estamos,

¹¹Doutora em Educação, Mestre e Especialista em Letras. Coordenadora Pedagógica do Centro de Ensino FISK. Professora contratada no Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: teacheradrianaem@hotmail.com

^{2 2}Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: dbolzan19@gmail.com.

REVISTA MEMENTO

V.5, n.1, jan.-jun. 2014

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

relembramos as experiências da vida e as reconhecemos, retornando, então, após conhecer uma realidade³, tomando consciência de um outro ser. Esta experiência consiste em uma importante travessia de fronteira no trabalho com a Educação, com a pesquisa, com a vida do outro, sua e nossa trajetória e condição de existir.

É na possibilidade de perceber, identificar, refletir, prestar atenção e de observar, minimamente, acerca da necessitância que temos, essa como o dever de “pensar um pensamento ou de a ele aderir” (AMORIM, 2009, p. 23), que nos organizamos na outredade. Atribuímos significados às relações do presente, à pesquisa e reconhecemos a obrigação ética que nos inscreve no ser que pesquisa. A elaboração da pesquisa como uma construção de caminhada longa e necessariamente longa, de um viver para se conscientizar. E, assim, nos colocamos no processo, reconhecendo nossas responsabilidades face às limitações na atividade de pesquisa e as exigências quanto à investigação.

Entre nossa visão interna e o que avistamos diante de nós, é o olhar do outro que se torna necessário para que nos tornemos flexíveis e capazes à transformação. Viver a realidade inescapável tornava-nos consciente do outro, do seu drama, de sua dor. Uma participação sem álibi na existência enquanto, no excedente de nossa visão, da posição em que nos colocamos, temos um só horizonte a nossa frente, o outro que é capaz de aperfeiçoar o nosso ser e nos completar. Se precisamos do outro para nos vermos, é porque é por meio desse que tomamos consciência de nosso lugar, do estar e do ser, a alteridade necessária no encontro. Escrever, no processo de pesquisa, então, de forma alguma é não estar consciente do outro.

São tantas tentativas para amarrar as pontas do pensamento na tessitura da pesquisa, entretanto, o que importa é que vemos o outro. O movimento do pensamento, do ato de pensar

³ Realidade é entendida como um processo que traz à vida, experiências e aprendizagens únicas. Contudo, em nosso texto, discutimos a realidade com os significados sociais, valores, uma realidade ideológica, “uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.36).

exibe nossos contextos. Com um olhar para o passado, buscando o futuro, trabalhamos no presente para significar, momentos entre o que foi enunciado e a enunciação, a busca de razões para continuar.

A escrita de uma pesquisa, embora foque nos resultados de uma investigação, é ela própria um lugar de observação e de descobertas a serem consideradas na produção dos conhecimentos. Assim, colocamo-nos em diálogo para tecer nas Ciências do Humano e, acompanhadas de Freire, adotamos o *tu* que nos constitui e nos orienta a abraçar o outro, pois o Ser “dialógico [...] sabe que é exatamente o *tu* que o constitui” (FREIRE, 2011, p.227). Possibilidade de compreendemos que não podemos viver isoladamente, mas precisamos nos manter em relações dialógicas, para que as ideias dos outros participem conosco de nossa elaborar o pensamento próprio.

A Consciência, o ser pesquisador e o seu outro

A tomada de consciência implica em uma imersão na realidade, percebendo-a, inicialmente; para então, ao nos desvelarmos dessa realidade e com certo distanciamento e criticidade, iniciarmos o reconhecimento do outro. Na tentativa responsiva⁴ de nos colocarmos no lugar do outro, nós nos movimentamos e determinamos nosso transcender para nos tornarmos conscientes da existência daqueles que compartilham do mundo conosco. Uma conscientização que “nos convida a assumir uma posição frente ao mundo” (FREIRE, 2001, p. 31).

Os estudos *bakhtinianos* e de seu Círculo corroboram para reconhecermos a existência da interação de distintas consciências, servem-nos como caminho nessa discussão teórica. Assim, na interação entre os sujeitos e, ao serem mencionadas as ideias e pensamentos de uns e de outros,

⁴ A partir de Sobral (2005), entendemos que responsivo/responsividade/responsabilidade serve para traduzir “o termo russo, não neológico, *otvetstvennost*’, que une responsabilidade, o responder *pelos* próprios atos, a responsividade, o responder *a* alguém ou a alguma coisa”, designando “tanto o aspecto responsivo como o da assunção de responsabilidade do agente pelo seu ato”. (SOBRAL, 2005, p. 20)

reconhecemos que esses estudiosos da linguagem têm suas consciências em ação. Bakhtin (2010a, p. 341) garante-nos:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o tu). A separação, o desligamento, o ensimesmamento como causa central da perda de si mesmo. Não se trata do que ocorre dentro mas na fronteira entre a minha consciência e a consciência do outro, no limiar. Todo o interior não se basta a si mesmo, está voltado para fora, dialogado, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda sua essência. É o grau supremo da sociabilidade (não externa, não material, mas interna).

Nesse sentido, a tomada de consciência consiste na reconstituição mental das atividades que a pessoa realiza e, assim, ao se tornar conhecedora das limitações e potencialidades sobre si, busca retomar seu fazer para identificar as mediações que têm implicações indesejáveis no outro (VYGOTSKI, 1998). Na perspectiva do processo de pesquisa, a tomada de consciência vai acontecendo na dinâmica do ato de pesquisar, na relação com o participante, suas particularidades e historicidade em relação àquele que a pesquisa realiza, às limitações deste, quanto à compreensão e entendimento do ser pesquisado.

Com Bakhtin (2010a, p. 374) escrevemos que “a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro”. Mais tarde, o homem começa a adequar para si mesmo as palavras e categorias neutras; isto é, a definir a si mesmo como sujeito independentemente do *eu* e do *outro*. Assim, a conscientização toma como base a consciência do sujeito sobre o mundo e nas relações sociais desse sujeito.

Freire (2001, p. 31) esclarece que a “conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência-mundo”. Ao considerarmos a linguagem como organizadora e constitutiva da consciência, nossa discussão teórica considera o ato de pesquisa, a escrita e o

processo constitutivo de ser pesquisador, como um fazer acerca de quem somos, valores e interações em construção.

Em uma perspectiva próxima a Freire, Bakhtin (2010b) esclarece que ao nos identificarmos com o outro e começarmos a perceber o mundo a partir do valor que este outro tem para nós, também de como o outro vê e sente o mundo. Assim, vamos ocupando uma posição que nos permite ver e refletir e, por conseguinte, ocupamos um lugar de tomada de consciência que se dá a partir deste outro identificado por nós.

É neste contexto que, para Bakhtin (2010b), a consciência pode ter forma estética. Entretanto, o autor (2010b, p. 61), explica que somente a “consciência que retorna a si mesma confere forma estética, do seu próprio lugar, à individualidade apreendida desde o interior mediante a empatia, como individualmente unitária, íntegra, qualitativamente original”. Esse sentido estético é entendido como um processo axiológico⁵ a partir de uma visão exotópica⁶ de nossa relação com o outro, conformada no espaço e no tempo. Se deixarmos de retornar ao nosso lugar depois da experiência do reconhecimento do outro, então, não conseguimos definir a consciência que temos do outro e não teremos a forma estética.

Na explicação de Bakhtin (2010a, p.109), de onde “quer que eu esteja, sou sempre livre, e não posso libertar-me do imperativo; tomar consciência de si mesmo ativamente significa lançar sobre si a luz do sentido que está por vir, fora do qual não existo para mim mesmo”. Logo, não podemos nos libertar do dever de ser. E ser, para Bakhtin (1981, p. 223) “significa comunicar-se pelo diálogo”. Logo, significa querer; por isso, para que sejamos capazes de nos tornarmos

⁵ A partir de Bakhtin (2010a, 2010b) compreendemos o processo axiológico como a escrita da palavra própria. Logo, ao nos tornarmos autores/autoras, assumimos uma posição axiológica.

⁶ Conforme o Dicionário de linguística da enunciação (FLORES, 2009, p. 117), uma visão exotópica corresponde ao excedente de visão. A palavra relacionada - *Exotopia* é definida neste Dicionário, a partir dos estudos bakhtinianos e consiste na condição de “exterioridade pessoal, espacial, temporal, linguística e cultural”.

conscientes acerca de algo ou alguém, precisamos nos encontrar com o outro, reconhecê-lo para nos tornarmos conscientes de sua existência única e singular.

É com o olhar do outro, impregnado de valores que nos comunicamos com o nosso interior. Tudo o que diz respeito a nós chega a nossa consciência por meio do olhar e da palavra do outro; ou seja, o despertar de nossa consciência se realiza na interação com a consciência alheia, a qual está constituída por uma determinada dimensão axiológica. Nessa situação, um elemento essencial do pensamento *bakhtiniano* é a importância da alteridade, a qual se pauta na relação e contraposição entre um *eu* e o outro como o horizonte social avaliativo; portanto, aquele que interage na constituição da subjetividade do homem. É “na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos”. (FARACO, 2009, p. 21-22).

Nos textos *bakhtinianos*, a questão da alteridade e da intersubjetividade surgem para conferir sentido ao ato. A alteridade nos define como humanos, pois para nós é imprescindível a existência do outro em nossa própria concepção como ser e conscientização. A alteridade é, portanto, anterior à subjetividade e, ao mesmo tempo, constitutiva. Para que tomemos consciência de nosso papel social é necessário que, primeiramente, tomemos consciência da existência do outro. Um reconhecimento que acontece na relação social, no diálogo com o dever do pensamento, doravante a nossa necessitância ética neste lugar e tempo que compartilhamos.

Nesse contexto, a conscientização consiste em uma “exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica. Em lugar de estranha, a conscientização é natural ao ser que, inacabado, se sabe inacabado”. (FREIRE, 1996, p. 54). Portanto, esta inconclusão é inerente à vida humana, vida de responsabilidade que está relacionada ao inacabamento e que deve estar presente no fazer da docência, na formação de professores e na conjuntura do ato pedagógico. Ao reconhecermos o inacabamento em nós, nos

tornamos “seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo. Eticidade, que não há dúvida, podemos trair”. (FREIRE, 1996, p. 56).

O inacabamento, na perspectiva *bakhtiniana* caracteriza o dever constante, gerador de aprendizagens com o outro para nos tornarmos conscientes, abertos à vida e ao outro, em diálogo com o mundo e por meio da linguagem assinamos nosso compromisso. “Neste precioso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve” (BAKHTIN, 2010b, p. 96). Estamos, conseqüentemente, em uma situacionalidade única, vivendo a responsabilidade pelo que sabemos, vemos e pelo que fazemos.

Nessa tomada de consciência diminuimos a distância que existe entre o lugar do pesquisador e espaço do participante e vamos nos construindo e nos transformando no processo vivido e nas práticas de linguagem. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV⁷, 2010). Desse modo, Bakhtin (2010b) menciona a responsabilidade sobre os atos, sobre o fazer no cotidiano e na vida. Somos responsáveis por nossas atitudes face às necessidades do outro, pois não temos justificativas para não participarmos, para não pensarmos. Então, atribuímos sentidos a essas atitudes responsáveis, os quais estão relacionadas à consciência. Como único e singular no seu lugar, o sujeito precisa participar, responsivamente. A nossa condição situada, historicamente, coloca-nos na posição que implica uma resposta, assumindo um lugar nas Ciências do Humano, face à demanda social.

A linguagem na conscientização

⁷ Consideraremos também Volochínov como autor da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, mesmo que identifiquemos que na 14ª edição de 2010, nossa referência à alusão de Bakhtin como autor e Volochínov, apenas aparece entre parênteses na referência da obra. Entretanto, o próprio Bakhtin, na obra *Mikhail Bakhtin em diálogo – conversas de 1973 com Viktor Duvakin* (2008, p. 80) afere “o caso é que eu tinha um amigo íntimo, Volochínov... é autor do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, livro que, digamos, atribuem a mim.” Optamos por fazer as referências, não apenas com Volochínov ou Bakhtin, mas com os dois autores do Círculo, portanto, usaremos neste texto, Bakhtin/Volochínov (2010) quando nos referirmos à obra.

A “consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico⁸ e social. A consciência individual é um fato socioideológico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 35). Adentramos à discussão da linguagem na conscientização, considerando que a base da consciência está no social e que a linguagem está ligada à formação da consciência. É o conteúdo ideológico (semiótico), impregnado na consciência que a torna consciência.

Digamos que diante de nós há “um indivíduo sofrendo; o horizonte da sua consciência foi preenchido pela circunstância que o faz sofrer e pelos objetos que ele vê diante de si”. (BAKHTIN, 2010a, p.23). Do contexto social deste sujeito, iniciamos a relação com ele; então, nós existimos a partir da presença deste outro. Nesta interação nos identificamos e nos comunicamos. Conforme Bakhtin (2010a, p. 341) afirma, tenho “consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro”.

Este ser, biologicamente nascido que está locado no tempo, entre culturas, lugares e histórias permite-nos construir relações significadas e significativas a cada novo contextualizar por cada um de nós. Nesse viés, trazemos o sentido da palavra na sua especificidade, como “o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 36). Para isso, elegemos o diálogo apresentado por Bakhtin, Vygotski e Freire como a possibilidade de nos constituirmos e de aprendermos.

Entendemos que é a interação social e a palavra significada nessa relação que nos consente a aprendizagem e a construção de nossa subjetividade, portanto a expressão do nosso

⁸ Quando explanamos na direção da ideologia e/ou do contexto ideológico, entendemos sua significação a partir de “uma representação e interpretação do real que se imprime no pensamento de forma signica. (FREITAS, 2005, p. 304). Para Bakhtin/Voloshinov (2010) a ideologia é um elemento da estrutura da formação social, uma das partes em que se subdivide a sua superestrutura, que é determinada, ainda que indiretamente, pela base econômica.

pensamento, nossa comunicação e o nosso desenvolvimento está pautado na relação mediada pela linguagem. Na perspectiva sócio-histórico-cultural construímos conhecimento, o qual tem a linguagem como elemento central.

Desse modo, além de compreendermos que a linguagem tem sentido e significado, também reconhecemos que ela está ligada ao contexto no qual as pessoas envolvidas no processo de pesquisa estão implicadas. De acordo com Bolzan (2002, p. 45),

[...] o sentido está ligado ao contexto da comunicação e ao próprio contexto do qual se fala, ou seja, os aspectos sobre os quais se desenvolve a comunicação. O significado é parte descontextualizada da linguagem. Sua natureza conceitual permite a reflexão abstrata, interferindo nas atividades que exigem pensamento dirigido. Assim, sentido e significado são complementares, atuando simultaneamente, para definir a estrutura da interpretação do discurso.

Na concepção *vygotskiana* (1998, 2004, 2007) os signos são o modo apropriado de se estudar a consciência humana, pois ao compreendermos que a constituição humana é sócio-histórico-cultural, conseqüentemente às funções mentais superiores e a própria consciência têm sua gênese no contexto social, na relação interpessoal e com os objetos do contexto cultural específico.

Os signos são instrumentos por meio dos quais é possível se expressar e se manifestar socialmente. A comunicação humana e as relações sociais são realizadas e intermediadas por signos que têm seus significados compartilhados pelo homem socialmente localizado. Nesta cultura e local, nos orientamos e elaboramos nossa própria concepção de ser. A consciência consiste, neste processo, em uma constituição signica. Nessa perspectiva, Freitas (1994, p. 159) afirma que a "consciência e pensamento são tecidos com palavras e ideias que se formam na interação, tendo um papel significativo" e a linguagem é uma questão central.

A construção da linguagem pelos signos e as discussões acerca da consciência levam-nos aos estudos de Bakhtin, quem em seus escritos referenciou Vygotski e com quem também nós dialogamos em texto. Para esses autores, a interação e as relações sociais são realizadas na e pela linguagem, enquanto nós nos constituímos na interação. Considerando ainda a leitura de Freitas (1994, p. 158), a autora entende que Vygotski e Bakhtin consideravam que “o sentido das coisas é dado ao homem pela linguagem. Na linguagem, no diálogo, na interação estão o tempo todo o sujeito e o outro”.

Bakhtin (1981, p. 73), afirma que “a ideia é semelhante a palavra, com a qual forma uma unidade dialética. Como a palavra, a ideia quer ser ouvida, entendida e respondida por outras vozes e de outras posições”. No que tange à realização da pesquisa, a linguagem ao ser mediadora nas relações entre os sujeitos que a realizam e seus participantes, traz a representação de ideias que podem modelar as consciências dos sujeitos.

Bakhtin (2010a) as relações de sentido na linguagem:

Aquilo que a nada responde se afigura sem sentido para nós, afastado do diálogo [...]. O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro) ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. [...] Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos (BAKHTIN, 2010a, p. 381-382)

Assim, apoiamo-nos em Bakhtin/Voloschínov (2010) a fim de situarmos a expressão *sentido* ou *sentidos*. Assim, o sentido da palavra está atrelado aos embates ideológicos que estão marcados por um tempo histórico e em um espaço social determinados e concorrem na hegemonia da decisão pelo sentido conforme um determinado contexto.

Vygotski (1998, p. 190) explica que “uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles

não é, no entanto, algo já formatado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica”. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo (VYGOTSKI, 1998, p. 190).

Na internalização, quando nós nos colocamos diante das situações de interação e compreensão por meio da linguagem como principal mediadora simbólica, vamos entendendo o mundo, significando, tomando consciência nas relações sociais e a partir de nosso ato histórico. Vygotski (1998) discorre sobre a capacidade dialógica como fundamental para nossas trocas e desenvolvimento da capacidade intersubjetiva. E, a palavra, para este autor, é “o coroamento da ação” (VYGOTSKI, 1998, p. 190)

Assim, reconhecemos que a palavra tem fundamental importância para a consciência humana. É com as palavras que concretizamos nossa comunicação e interagimos, culturalmente. Para Vygotski (1998, p. 156-157)

a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa [...]. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre coisas. Cada pensamento se move, amadurece e se desenvolve, desempenha uma função, soluciona um problema.

Em conformidade com o pensamento vygotskiano, Bakhtin (1981, p. 223) afirma que, então, “o diálogo, por essência, não pode e nem deve terminar”. Com esta afirmação, Bakhtin (1981) confere ao diálogo o dialogismo em seus estudos sobre Dostoiévski, Bakhtin apresenta a polifonia ao diálogo, pois explica que a consciência do outro é que possibilita ao autor se relacionar, dialogicamente.

De forma semelhante Bakhtin/Volochínov (2010, p. 31) posicionam-se ao estudarem a filosofia da linguagem e entendem que “um produto faz parte de uma realidade [...] reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo”. Enquanto nos aproximamos em relação ao caráter ideológico do signo, tomamos consciência.

Nosso desenvolvimento, portanto é mediado pela linguagem semiotizada, construída no contexto em que vivemos e experienciamos o mundo, nas Instituições em que nos formamos, trabalhamos. Desse modo, a construção de conhecimentos precisa estar ligada a sujeitos críticos e participativos. Bakhtin (2010b, p. 102) declara que o “pensamento participativo é precisamente a compreensão emotivo-volitiva do existir como evento na sua singularidade concreta, sob a base do não-álibi no existir. Isto é, é um pensamento que age e se refere a si mesmo como o único ator responsável”. A interação das experiências por meio de uma linguagem significativa com o mundo denota compreender a palavra do outro, reconhecer seu direito à palavra e nossa responsabilidade na escuta.

Por meio da utilização dos signos, da própria palavra que consiste no “microcosmo da consciência humana” (VYGOTSKI, 1998, p. 190), a consciência segue se modificando, se alargando, em maior ou menor intensidade, moldada conforme cada sujeito se constrói na sua história e se relaciona socialmente. Vygotski (1998) ainda esclarece que nossa capacidade intersubjetiva é ampliada por termos a capacidade dialógica na interação. É quando aprendemos com o outro, quando os conhecimentos são intercambiados entre nós, para juntos pronunciarmos nossas palavras.

Contudo, para o ser de responsabilidade há a necessidade de se tornar sujeito na própria história; logo, não nos identificamos como coisas, mas nos personificamos, nos tornamos com o outro. Com a possibilidade de estabelecermos relações que dependem do nosso envolvimento, de nossa cultura, do desprendimento, da desconstrução, prolongarmos nossa consciência e lemos o

mundo por meio do outro e dos outros e de suas realidades outras. Quanto mais nos tornamos conscientizados, também nos tornamos capazes e enunciar e de sermos enunciadores, pois assumimos o compromisso com o outro e nos responsabilizamos.

(In)conclusões

Como pesquisadores nas Ciências do Humano precisamos ficar atentos o processo de pesquisa, às relações com o outro, pois o mundo elabora a consciência a partir da mediação que se realiza na linguagem, imersa em conteúdos ideológicos. Nas palavras dos pensadores Bakhtin/Volochínov (2010, p. 36), “se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada”. Façamos da relação de nossa consciência com as consciências dos outros, uma formação que se mantém crítica e em diálogo e, enquanto tecemos, vamos nos transformando, implicados com o outro.

Então, como nos ensinou Freire (1996, p.20), vamos nos entregando “de forma crítica, crescentemente curiosa” para apreendermos com os textos. Vamos discutindo a própria “palavra consciência para indicar a percepção da atividade da mente - a consciência de estar consciente” (VYGOTSKI, 1998, p. 114). E, assim, entramos em relação com o mundo, em diálogo com o outro para apreender, enquanto o outro, na singularidade do seu ser, corrobora e participa no elaborar do conhecimento que buscamos, no fazer as Ciências do Humano.

Being a researcher in the Human Sciences in dialogue with Bakhtin, Freire and Vygotski

***Abstract:** In this article, we attempt to discuss the writing process and the recognition of the other person in the research process considering the Human Sciences. The research moments*

REVISTA MEMENTO

V.5, n.1, jan.-jun. 2014

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

make the researcher one person in constant learning with the other, and this getting together is singular and unique while meanings are produced. This discussion is built from the studies of (2010a, 2010b, 1981, 2008), Freire (1996, 2001, 2011) and Vygotski (1998, 2004, 2007). With the research writing and all this elaboration the researcher become aware of the other and his importance. By doing the research, the conscientious researcher is responsible and try to understand the uniqueness of being a human person.

Keywords: *Being a researcher. Awareness. Human Sciences.*

Referências

- AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. 5. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes. 2010a.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.
- BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo - Conversas em 1973 com Viktor Duvakin**. Trad. Daniela Miotello Mondardo, a partir da edição italiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail M., VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.
- BOLZAN, D. P. V. **Formação de Professores: construindo e compartilhando conhecimento**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FARACO, C. **Alberto. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FLORES, V. N. **Dicionário de linguística da enunciação**. (Org.). Valdir do Nascimento Flores [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Conscientização – Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Centauro, 2001.

REVISTA MEMENTO

V.5, n.1, jan.-jun. 2014

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

FREITAS, M. T. A. Vygotski e Bakhtin – Psicologia e educação: Um intertexto. São Paulo, Ática, 1994.

FREITAS, M. T. A. Nos textos de Bakhtin e Vygotski: um encontro possível. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2005. p. 295-314.

SOBRAL, A. Estética da criação verbal. In: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 167-187.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. SP: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Organizadores Michael Cole. [et al.]; trad. José Cipolla Neto, Lis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.